
Trechos principais de críticas recebidas, seguidos dos recortes de onde foram extraídos.

“A seriedade e o talento da Cia. do Feijão são indiscutíveis.

...

O trabalho criterioso do grupo merece atenção da platéia. Não é todos os dias que uma jovem trupe teatral atinge com rapidez tal nível de qualidade. E o trabalho do elenco é primoroso.

...

Os ótimos integrantes da equipe estão afinados em um conjunto coeso.”

Alberto Guzik / Jornal da Tarde

“Em pouco tempo de criação a Companhia do Feijão vem articulando uma trajetória de pesquisa artística conseqüente, inspirada na idéia de um teatro preocupado com as contradições sociais brasileiras. ... As soluções teatrais, inventivas, amparam-se no chão comum da coringagem de personagens entre os atores e na cativante direção musical.”

Kil Abreu / Folha de S.Paulo

“É uma experiência de teatro reivindicativo sem lamúrias. Não é fácil, mas 'os feijões' esperam manter o sentido de humor e poesia em suas criações.”

Bravo!

“O que a Companhia do Feijão faz melhor é dar relevo ao sentimento das situações que observa e representa.

...

É inteligente e funcional a organização das cenas; são simples os recursos de caracterização; e pungentes, pela beleza e pela capacidade de síntese, os poucos objetos utilizados para simbolizar a estreiteza material do mundo das crianças maltratadas. Mas é, sobretudo, um espetáculo afinado com a sensibilidade.”

Mariangela Alves de Lima / O Estado de S.Paulo

Montagem com a Cia. do Feijão une Brasil arcaico e moderno

KIL ABREU

CRÍTICO DA FOLHA

EM POUCO tempo de criação a Companhia do Feijão vem articulando uma trajetória de pesquisa artística consequente, inspirada na idéia de um teatro preocupado com as contradições sociais brasileiras. Espetáculos como "Movido a Feijão" e "O Ó da Viagem" aliam um ponto de partida sempre temático a resultados formais promissores, tendo como núcleo o trabalho do ator e o processo compartilhado de criação.

Em "Antigo 1850" o grupo lança olhar sobre a história e pontua, com a narrativa, o movimento de segregação social no espaço das cidades. Parte do modo de produção na sociedade escravista, passa pela mudança nas relações de classe criadas com a urbanização e chega ao Brasil atual, com seus bolsões de miséria inchando a periferia das metrópoles.

A proposta parece ser a de recuperar a construção do comportamento e os conflitos humanos segundo as coordenadas de classe. Para isso, o espetáculo é criado à base de interferências textuais que usam Machado de Assis, Mário de Andrade e depoimentos colhidos pela companhia em sua "exploração de campo". O objetivo é estabelecer a ordem de consequência entre o homem do passado e o do presente, distantes pelo tempo, mas irmanados em

condição histórica semelhante.

Assim é que o grupo procura o fio da meada entre o escravo do século 19 e o miserável suburbano do século 21. Menos esquemático do que possa parecer, "Antigo 1850" investe mais, em um primeiro momento, no texto narrado. Os atores personificam contadores mambembes e tentam aproximar a fala, por meio de estilizações vocais e gestuais, do universo dos personagens que descrevem.

Na segunda parte do espetáculo o tom narrativo ganha ares de drama e o diálogo se impõe. O foco é o cotidiano de uma família da periferia, seu espaço de convivência e as relações marcadas pelo embrutecimento e também pela manifestação peculiar da ternura. O ponto de vista narrativo é o de um menino, inveterado comedor de terra, que tenta compreender a realidade na qual está instalado como bicho, perdido entre o devaneio e a violência familiar.

Neste segundo momento a direção de Pedro Pires deixa escapar a vitalidade do princípio, em que a distância entre o ator e os conteúdos da cena são mais evidentes. É quando o elenco já não consegue sustentar a posição de observador privilegiado e adere, com olhar melancólico, ao universo que investiga. A racionalidade comparativa dá lugar a uma interpretação da miséria sob novo ângulo, mais identificado com a simples

descrição do comportamento de determinado estrato social.

No trânsito entre movimentos cênicos tão desiguais, o elenco esforça-se por dividir-se entre a estilização proposta no início e o tom quase psicológico exigido em certas passagens mais próximas do final, em que a preocupação com o coletivo se afunila no drama de existência do garoto, não sem certos lances melodramáticos.

As soluções teatrais, inventivas, amparam-se no chão comum da coringagem de personagens entre os atores e na cativante direção musical de Walter Garcia, em que os ritmos tradicionais fazem a costura, contribuindo para a organicidade da montagem.

É assim que o espetáculo procura equilibrar a eficácia das soluções formais e o discurso crítico sobre os temas abordados, que parece agir melhor quando comenta o passado do que quando fala sobre o presente.

Antigo 1850

☆☆☆

Texto: Pedro Pires e Zernesto Pessoa

Direção: Pedro Pires

Com: Andreia de Almeida, Camila Bolaffi, Einat Falbel e Gaion de Oliveira

Criação: Companhia do Feijão

Onde: Centro Cultural São Paulo - Espaço Cênico Ademar Guerra (r. Vergueiro, 1.000, Paraíso, tel. 3277-3611)

Quando: sex. e sáb., às 21h30; dom., às 20h30

Quanto: R\$ 10

Fiel ao espírito de Mário de Andrade

Penna Proaro/Divulgação

Em 'Antigo 1850', a Companhia do Latão faz uma sensível síntese da exclusão

MARIANGELA ALVES DE LIMA

Especial

Os grupos teatrais se definem em geral por algumas constantes: contam com um núcleo fixo de artistas desempenhando várias funções do espetáculo, defendem uma determinada idéia de teatro e procuram montar um repertório de acordo com esse projeto artístico mantendo, ao longo de diferentes trabalhos, uma certa homogeneidade estilística que se preserva em encenações diferentes. A Companhia do Feijão, um grupo que completa três anos de existência apresentando três espetáculos no Centro Cultural São Paulo, tem, além disso, uma espécie de patrono fixo. Elegue Mário de Andrade como santo protetor. Isso quer dizer que baseia seu projeto de trabalho em algo mais do que os esplêndidos escritos ficcionais de Mário de Andrade ou sobre o pioneirismo das suas observações sobre as estratégias da cultura brasileira.

Incorporou ao seu trabalho a cativante simpatia do "guru" da Rua Lopes Chaves, um intelectual capaz de amar o que critica e um artista capaz de fazer do anticonvencionalismo modernista um instrumento eficaz de registro da experiência humana. A Companhia do Feijão deixou-se contaminar pelo espírito de Mário de Andrade, tanto quanto recorreu conscientemente aos seus métodos investigativos da cultura. Dois espetáculos do repertório, *O Ó da Viagem* e *Antigo 1850* têm em comum a marca de adesão emotiva às experiências do outro. Seus temas são alteridades: a cultura de outras regiões, a experiência da pobreza observada às margens da malha urbana, a alteridade radical – quando um adulto fala da infância ela é já um território perdido – da criança desvalida.

Em parte, *Antigo 1850* chega ao seu objetivo por meio do método confuso. Os atores-narradores preparam retrospectivamente a situação de uma infância particular passeando pela história da injustiça social. A dramaturgia do espetáculo nos obriga a atravessar rapidamente a senzala e a avançar até os cortiços onde, depois da libertação, se abrigaram em consórcio miserável os negros libertos e os trabalhadores imigrantes. En-



Cena de peça inspirada em conto do escritor modernista; os atores revezam-se nos papéis, enfocando não uma, mas todas as crianças que sobrevivem na miséria

fim, uma breve história da marginalização geográfica e econômica que começa no período colonial e avança até o presente sem se modificar muito no que diz respeito à condição de vida dos mais pobres. Depois desse prólogo, o espetáculo detém-se em uma narrativa que, metaforicamente, recobre o trajeto histórico. O ponto de chegada é a adaptação de *Piá não Sofre? Sofre*, conto escrito por Mário de Andrade em 1926 e incluído na edição *Os Contos de Belazarte*.

A primeira parte do espetáculo, breve viagem pelas formas históricas da exclusão social, funciona assim como uma espécie de prólogo explicativo ligando o particular ao geral. Um grupo de comediantes, um tanto quanto parecidos aos estereótipos da bufonaria italiana, imprime um estilo cômico-grotesco aos modelos históricos de exploração do trabalho. É redundante porque a narrativa original

que o espetáculo dramatiza já estão contidos indícios suficientes de historicidade. É a miséria da condição social que condena o menino Paulino ao sofrimento físico e afetivo. Estão aí visíveis os determinismos de ordem econômica acarretando os sofrimentos físico e psicológico. Os golpes que ferem o corpo e a alma do piá são os mesmos que se abatem incessantemente sobre as crianças pobres que nos rodeiam hoje.

Expandidos e agravados pelo crescimento da população – mas também essa possibilidade está implícita na causalidade da história original em que a crueldade é involuntária – são fruto natural da miséria e da ignorância.

Densidade – De qualquer forma, ao passar à narrativa de Má-

rio de Andrade, a encenação muda também de estilo e ganha densidade à medida que perde enfeites graciosos. O que a Companhia do Feijão faz melhor é, a julgar por dois espetáculos que vi até o momento, dar relevo ao sentimento das situações que observa e representa. Os atores se revezam para fazer os diferentes personagens e esse sistema "coringa" se ajusta à perfeição ao intuito universalizante do grupo. Não se vê apenas aquele menino, mas, com delicadeza e nitidez, todas as crianças que, como ele, sobrevivem em desesperadora carência. Alguns gestos se mantêm para conservar a indicação de que se trata do mesmo personagem assumido por outro intérprete e o resultado dessa despersonalização é que a narrativa fica em primeiro plano, mais importante estilisticamente do que a habilidade do ator.

O fato de que esses personagens possam ser retomados por diferentes intérpretes é também um sinal de que sua situação é exemplar e recorrente. É inteligente e funcional a organização das cenas; são simples os recursos de caracterização; e pungentes, pela beleza e pela capacidade de síntese, os poucos objetos utilizados para simbolizar a estreiteza material do mundo das crianças maltratadas. Mas é, sobretudo, um espetáculo afinado com a sensibilidade do conto, no qual, em estado de humilhação extrema, o protagonista se mistura à terra, aos insetos rastejantes, à massa da natureza da qual só se distingue pelo sofrimento.

SERVIÇO

Antigo 1850. Tragicomédia. Criação Companhia do Feijão. Direção Pedro Pires. Duração: 75 minutos. Sexta e sábado, às 21h30; domingo, às 20h30. R\$ 10,00. Centro Cultural São Paulo – Porão. Rua Verquêiro, 1.000. tel. 3277-3611. Até 3/6


Crítica